

A REMARCAÇÃO EM CURSO NO VALOR DO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

THE ONGOING RE-SETTING OF THE NULL SUBJECT PARAMETER

MARIA EUGENIA LAMOGLIA DUARTE
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
eugenia@letras.ufrj.br

Este artigo busca traçar a trajetória da investigação da perda do sujeito nulo no português brasileiro, desde a análise diacrônica de Duarte (1993), com base em peças de teatro escritas no Rio de Janeiro até investigações recentes com base em amostras de língua falada. O quadro teórico que orienta as análises usa o modelo da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog 1986) e toma como componente gramatical para sua execução pressupostos teóricos da Teoria de Princípios e Parâmetros, particularmente o Parâmetro do Sujeito Nulo, desde sua formulação em Chomsky (1981) e sucessivas reformulações motivadas pelo grande número de contribuições teóricas e empíricas resultantes do grande interesse pelo tema, o que o transformou no mais bem descrito parâmetro da Gramática Universal. Apesar disso, como procuro mostrar, o tema é muito complexo e as tentativas de reunir em diferentes grupos as línguas que admitem o sujeito nulo enfrentam problemas particularmente quando deixam de levar em conta a propagação da mudança e o surgimento de estruturas que não estão previstas como relacionadas a tal parâmetro.

Palavras-chave: Mudança paramétrica, Parâmetro do Sujeito Nulo, Português Brasileiro, Português Europeu

The aim of this article is to follow the trajectory of the investigation of the loss of null subjects in Brazilian Portuguese, beginning with Duarte's (1993) diachronic analysis, based on theatre plays written in Rio de Janeiro till recent investigations based on sociolinguistic interviews. The theoretical framework guiding the analyses uses the Theory of Language Variation and Change (Weinreich, Labov e Herzog 1986) in association with the Theory of Principles and Parameters, particularly the Null Subject Parameter, since its formulation (Chomsky 1981) and successive reviews due to the large number of theoretical and empirical contributions as a result of the interest in the matter, which has made it the best described parameter of the Universal Grammar. In spite of that, as I will try to show, the theme is very complex and the attempts to group languages that admit a null subject face problems particularly when the propagation of the change and the emergence of

unexpected features apparently not related to the parameter in question are not taken into account.

Keywords: Parametric change. Null Subject Parameter, Brazilian Portuguese, European Portuguese

Recibido: 11 agosto 2020

Aceptado: 09 octubre 2020

1. INTRODUÇÃO: O INÍCIO DA PESQUISA

Meu interesse pela mudança em direção a sujeitos pronominais expressos no português brasileiro (PB) surgiu a partir de conversas com Fernando Tarallo, então meu orientador de doutorado, que já manifestara sua curiosidade sobre o tema numa publicação de 1985, em que mostrava a assimetria na representação do sujeito pronominal e de complementos¹; enquanto estes tendiam a ser nulos, aqueles revelavam uma curva de aumento na direção de pronomes expressos. A amostra diacrônica usada pelo autor incluía cartas, diários e peças teatrais escritos por brasileiros entre os séculos XVIII e XIX, distribuídos em quatro períodos: 1725, 1775, 1825 e 1880. Em 1989, durante curso sobre mudança diacrônica ministrado por Fernando Tarallo na Unicamp, eu já começara a reunir um conjunto de peças escritas ao longo dos séculos XIX e XX por brasileiros, nascidos no Rio de Janeiro e dedicados exclusivamente ao teatro, para a realização do meu trabalho de final de curso intitulado “A perda de ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas-Qu no português do Brasil”, publicado em 1992. A amostra, além de mais uniforme, pois continha comédias de costumes, cobriam o século XIX e a primeira metade do século XX, e textos mais leves que sucederiam esse tipo a partir dos anos 1950, se mostrou bastante adequada para a tentativa de buscar uma aproximação maior do autor com a fala de seu tempo. Se os resultados para sincronias passadas podem ainda ter um certo conservadorismo ou a tentativa de seguir um modelo mais lusitano, é possível afirmar que as peças escritas a partir da segunda metade do século XX não deixam dúvidas da direção da mudança no sentido de abandonar a ordem VS, que acaba restrita a verbos inacusativos, se, e somente se, o sujeito é um SD lexical. Foi esta a amostra utilizada para a análise da representação do sujeito pronominal, que saiu publicada em 1993, num volume organizado por Roberts e Kato, em homenagem a Tarallo, que falecera precocemente um ano antes. O volume foi muito bem recebido, reimpresso em 1996 e ganhou nova edição, organizada por Galves, Duarte e Roberts, com pequenas atualizações, em 2018.

O capítulo em questão, “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil” (Duarte 1993), deixa bem evidente a relação entre a expressão do pronome e a redução no paradigma flexional do PB, com a plena gramaticalização da antiga forma de tratamento Vossa Mercê > *você* (que chega a substituir *tu*² a partir dos anos 1935) e a entrada de

¹ Essa assimetria já tinha sido apontada na tese de Moreira da Silva (1983).

² Isso não significa que o tratamento com *tu* tenha desaparecido na fala carioca a partir dos anos 1930. Ao contrário, esse tratamento sempre foi uma marca da área suburbana da cidade, que se expandiu enormemente com as construções de diversas fábricas de tecido. Entretanto, pelo que revelam as peças a partir desse período, os autores das peças preferem o tratamento *você*, o que me leva a supor que a área mais central da cidade e o posterior crescimento populacional da zona sul tenham adotado *você*. Autores que tentaram manter as duas formas frequentemente exibiam a “mistura de tratamento” ao mesmo interlocutor, evidência da plena inserção de *você* no nosso quadro de pronomes pessoais (cf. Lopes 2002). Quando *tu* reaparece nas peças na última sincronia

outra antiga forma nominal *a gente*, em competição com o pronome *nós*, que seria facilmente vencido na segunda metade do século XX. Mais um fruto de processo de gramaticalização (cf. Lopes 2003 e Lopes e Brocardo 2016). Ao contrário do que ocorre no português europeu (PE), *tu* e *você* perdiam a distinção no tratamento ao interlocutor e *o senhora / a senhora* assumiam o tratamento respeitoso de inferior a superior. Na reedição (Duarte (2018)), o quadro de pronomes pessoais é apresentado com maior clareza, incluindo o pronome *tu* e os possíveis casos de apócope na 2ª. pessoa do singular (atestado nas peças mais recentes e de uso frequente no português do Brasil, com distribuição diatópica (Scherre, Dias Andrade e Martins 2015) e na 2ª. e 3ª. pessoas do plural (que não ocorre nas peças mas constitui fenômeno variável no PB, condicionado por fatores estruturais e sociais (cf. Naro e Scherre 2003 entre muitos outros).

	PRONOMES NOMINATIVOS	PARADIGMA 1 SÉCULO XIX	PARADIGMA 2 SÉCULO XX/1	PARADIGMA 3 SÉCULO XX/2
1PS	eu	Canto	Canto	canto
1PP	nós <i>a gente</i>	cantamos -	cantamos cantaØ	cantamos cantaØ
2PS	tu <i>você</i>	cantas -	cantas cantaØ	canta(s) cantaØ
2PP	vós <i>vocês</i>	cantais cantam	- cantam	- canta(m)
3PS	ele, ela	cantaØ	cantaØ	cantaØ
3PP	eles, elas	cantam	cantam	canta(m)

Quadro 1: Evolução dos paradigmas flexionais do Português do Brasil
Fonte: Duarte (2018: 85)

Os resultados dessa investigação, embora com base em amostra reduzida, viriam a se mostrar confiáveis, quando os resultados encontrados para as sincronias mais recentes foram comparados com os obtidos em investigações de amostras de língua falada, disponíveis a partir da constituição das amostras Norma Urbana Culta (NURC), Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) e Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), entre outras. Com algumas exceções atestadas em Santa Catarina (Região Sul do Brasil), podemos, sem receio, usar “português brasileiro” quando nos referimos aos resultados que serão aqui apresentados. Muitos são os trabalhos que se seguiriam a este e os resultados só reafirmam a regularidade na distribuição das formas variantes nas regiões urbanas analisadas. Podemos afirmar que, excetuando a variação no tratamento (*tu, você*), em geral com a neutralização da desinência, como já foi dito, e o paradigma de clíticos reflexivos, ambos os fenômenos sujeitos a variação diatópica, além da realização variável da concordância verbal e nominal, socialmente e contextualmente condicionada, a sintaxe do PB é muito regular e o falante letrado não leva para sua fala espontânea o que aprende (ou recupera) através da instrução escolar, limitando-se ao uso dessas

analisada, já se encontra em variação com *você*, combinando-se com a forma verbal sem a desinência canônica distintiva <-s> (*você/tu* disse).

formas, que não estão na sua Língua-I, quando escreve ou quando consegue monitorar sua fala, desde que pertença a gerações que ainda conseguiam/conseguem adquirir essa gramática periférica. A idealização em torno da existência de uma “norma culta falada”, que se diferenciaria das variedades populares urbanas revela completo desconhecimento acerca dos resultados das pesquisas sociolinguísticas sobre a fala “cultura” e as variedades em geral rotuladas de “populares”, com o intuito de distinguir graduados e não graduados

2. E A TEORIA LINGUÍSTICA?

2.1 Associando a Teoria da Variação e Mudança à Teoria de Princípios e Parâmetros³

Quando Tarallo (1987) propôs, num artigo publicado na *Revista Ensaios de Linguística* (v. 13, UFMG), fazer uma “leitura paramétrica” de resultados de pesquisas variacionistas realizadas à luz do quadro funcionalista, sobre alguns fenômenos linguísticos em três línguas românicas (o espanhol, o português e o francês), o linguista não queria dizer que a sociolinguística “paramétrica” consistiria eternamente nessa “leitura” e interpretação de resultados empíricos, para chegar a uma sistematização formal à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P). Na ocasião, usando as próprias palavras do autor, a Teoria de P&P estava em plena infância e ainda procurava levantar as propriedades associadas a uma marcação positiva ou negativa de determinado parâmetro. Tarallo tinha a consciência de que, tal como faziam os funcionalistas, a aplicação do modelo da Teoria da Variação e Mudança (que viria a ficar mais conhecida como Sociolinguística Variacionista), proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968, 2006), poderia fornecer um componente gramatical promissor para acompanhar a mudança sintática a partir das propriedades relacionadas aos parâmetros da gramática universal.

Na verdade, qualquer estudioso da Sociolinguística sabe que para responder as grandes questões empíricas da Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM) precisa de uma teoria que lhe permita descrever o fenômeno, observar as propriedades a ele associadas e identificar sua inserção no sistema linguístico. Sem uma boa descrição, (i) como levantar as “restrições” (os chamados grupos de fatores linguísticos) que condicionam o uso das formas em variação?; (ii) como identificar a “implementação” de uma forma inovadora (que se refere à origem e à sua propagação no sistema)?; (iii) como observar a “transição” (ou estágios identificados na sua propagação)?; (iv) e como estudar o “encaixamento” da mudança, ou seja, como relacionar formas que aparecem no sistema de maneira “não acidental” mas em decorrência de um determinada mudança? Esta é uma das questões fundamentais no estudo da mudança, de que falaremos mais adiante e que, em geral, fica sem resposta quando não se tem uma teoria gramatical que possa descrever bem o fenômeno em análise. Naturalmente, não menciono aqui o componente social, que subjaz qualquer tipo de amostra analisada e que é indissociável de uma análise sociolinguística. Entre esses fatores, são em geral levados em conta na constituição de amostras de fala, a faixa etária (que permite identificar o curso na mudança no construto do “tempo aparente”), o nível de escolaridade e o gênero. Outros fatores, como a exposição à mídia, já levantado por Naro (1965), têm sido recentemente resgatados nas entrevistas sociolinguísticas.

³ Sobre esta seção, ver a discussão mais ampla e historicamente situada em Duarte (2019b).

Por que então enfatizar ou justificar a associação da TVM com pressupostos e descrições gramaticais gerativistas? Os estudos variacionistas relacionados a fenômenos fonéticofonológicos eram muito mais numerosos na década de 1980 do que os que envolviam a mudança morfossintática. De todo modo, a análise variacionista era quase sempre iniciada sem que se explicitasse, no corpo dos pressupostos teóricos, um ponto fundamental, aliás o ponto de partida para a realização da análise de qualquer fenômeno variável: qual a teoria gramatical adotada na aplicação do modelo de mudança? As formas variantes apareciam no “envelope de variação” ou “grupos de fatores”, que eram elencados sem que se explicitasse de onde e por quê tinham surgido. Essa constatação, particularmente nas análises de variáveis sintáticas, está muito clara nas palavras de Alison Henry:

No âmbito dos estudos variacionistas tem havido pouca discussão sobre *que tipo de fatores* pode afetar a escolha de variantes ou sobre *como determinados fatores são escolhidos* para a análise num caso específico. Tipicamente os fatores selecionados para alimentar uma análise de estatística aparecem sem uma discussão extensiva e não fica claro como, *excetuando as intuições do pesquisador*, se chegou a eles ou se há quaisquer restrições sobre o que pode ser um fator numa determinada análise.

(Henry 2006: 277, ênfase acrescida)⁴

Ficava óbvio nesses estudos que, embora não explicitados, os fatores vinham de teorias estruturalistas, funcionalistas, que ou não eram incluídas ao lado do modelo da TVM, sem as quais o trabalho não começaria, aparecendo em seções introdutórias, ou simplesmente era ignoradas, já que muitos trabalhos usam os “grupos de fatores” já propostas e testados por seus antecessores sem ao menos situá-los em um ou mais de modelo teórico de natureza fonético-fonológica, morfossintática, semântica, entre outros.

Dos anos 1980 para cá, não só a Teoria de P&P evoluiu, como a “mudança paramétrica” passou a ter um espaço importante que não tinha nas décadas de 1950 a 1970 na agenda gerativista, que estava ocupada o que não é variável entre as línguas. Assim, diante dessa evolução e do interesse na mudança, o que se faz hoje no âmbito da Socioparamétrica, não é uma simples “leitura” paramétrica de resultados de análises empíricas feitas sob outra perspectiva teórica: a pesquisa “socioparamétrica” se inicia a partir das propriedades associadas a uma determinada marcação paramétrica, desde o estabelecimento de hipóteses e dos grupos de fatores linguísticos até a interpretação dos resultados, o que permite responder a todas as questões que cercam o estudo da mudança. Além dos passos da pesquisa variacionista e de alguns princípios que regulam a mudança, a TVM desenvolveu uma metodologia para o levantamento e tratamento estatístico dos dados, que, como veremos, é ferramenta indispensável no acompanhamento da mudança.

A proposta de Tarallo (1987) viria a se concretizar em Tarallo e Kato (1989, re-editado em 2006), quando os autores confirmam o casamento entre a TVM e a Teoria de P&P, com a publicação de “Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística”. O texto de 1987 é aí retomado com maior profundidade e procura compatibilizar a linguística de “propriedades paramétricas” com a linguística “de probabilidades”, que hoje poderíamos substituir por

⁴ Within variationist studies, however, there has been little discussion of what type of factors can affect the choice of variants, or of how the particular factors are chosen for analysing any given case. Typically the factors chosen for entry into VARBRUL analysis appear without extensive discussion, and it is not clear how, apart from the intuitions of the researcher, these are arrived at or whether there are any constraints on what can be a factor here. (Henry 2006: 277, ênfase acrescida).

linguística “de pesos relativos”. O modelo estatístico que indica a “probabilidade” de aplicação de uma regra (tendo 0,5 como um ponto neutro) foi substituído por um modelo logístico de “pesos relativos”, capaz de superar os problemas de análise causados pelas frequências brutas. Segundo Naro (2003: 20), esse modelo logístico, introduzido por Rousseau e Sankoff (1978), engloba as boas propriedades dos modelos anteriores, substituindo-os em qualquer análise de dados. Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados “não têm significância analítica isoladamente; o que importa é a sua ordenação e a observação de um em “relação” ao outro, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo “peso relativo”.⁵

Alguns resultados então apontados por Tarallo e Kato (1989; 2006) para o enfraquecimento dos paradigmas flexionais verbais e maiores restrições à ordem VS permitem aos autores propor um realinhamento das duas primeiras propriedades associadas aos sistemas [+sujeito nulo] e antecipar a remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) no português brasileiro para um sistema [-sujeito nulo]. São resultados intralinguísticos inspirados em propriedades interlinguísticas ou paramétricas, com base em evidências advindas de diferentes línguas românicas.

Mas o ponto importante desta seção é enfatizar que a proposta de Tarallo (1987) retomada em Tarallo e Kato (1989; 2006), segundo a qual uma leitura “paramétrica” daqueles resultados de análises sociofuncionalistas permitiria predizer o rumo de uma possível mudança e realinhar propriedades paramétricas, não consistiria eternamente nessa “leitura” de resultados já prontos, advindos de análises diversas. Pelo contrário, o que aconteceu a partir de então foram análises que tinham como ponto de partida as propriedades paramétricas. Em outras palavras, o levantamento de hipóteses e o estabelecimento dos grupos de fatores que restringem a mudança partiriam da Teoria de P&P. Não é justo, pois, perpetuar a falsa ideia de que uma análise variacionista da mudança sintática associada à Teoria de P&P consista numa “leitura” de resultados à luz dessa teoria. Tampouco é justo tratar a TVM com uma simples metodologia para trabalhar com grande número de dados empíricos. Que ela tem uma metodologia sofisticada para processar e interpretar o efeito dos fatores linguísticos e sociais num processo de variação e/ou mudança é um fato inegável; mas ela se funda igualmente em princípios assentados sobre fundamentos empíricos advindos da observação da língua-E. E, como não há outra forma de estudar a mudança a não ser com base em dados da Língua-E para se chegar às propriedades da Língua-I, temos aí os ingredientes para um casamento perfeito.

Voltando um pouco no tempo, podemos perceber que Tarallo, nos anos 1980, pensava exatamente no que não se pensava naquele momento da evolução da Teoria de P&P⁶: que as línguas mudam com o tempo e que as mesmas forças que atuaram no passado deveriam atuar no presente, um dos princípios da TVM ou Sociolinguística Variacionista. E, como sociolinguista

⁵ Apesar da insistência dos que trabalham com a Teoria da Variação e Mudança para que as análises apresentem a “relação” entre os pesos obtidos (quanto maior a distância entre eles, mais relevante é o que alcança peso mais alto em relação ao que alcança o mais baixo no que diz respeito ao seu efeito no uso da variante tomada como valor de aplicação), a maioria dos trabalhos deixa de mostrar essa “relação” entre os pesos, insistindo em mostrar apenas os mais altos. Não tem sentido mencionar o peso mais alto simplesmente sem apontar sua relação com os demais. Isolado, seja ele qual for, não faz qualquer sentido.

⁶ A preocupação inicial da Teoria Gerativa era identificar Princípios comuns a todas as línguas e os Parâmetros de variação que as diferenciavam. Não havia espaço para a variação intralinguística nem deveria haver. Só a partir de fins dos anos 1980, a agenda gerativista incluiria o estudo da mudança como relacionado à aquisição (Lightfoot 1991) e estenderia o interesse a mudanças paramétricas ocorridas no passado, tendo forçosamente de lidar com dados empíricos (cf. Kroch, 1989, 1994, 2001; Vance, 1989; Roberts, 1993). Isso não significa que o interesse principal de todo gerativista seja lidar com análises empíricas, que só interessam a que se dedica ao estudo da mudança.

interessado no conjunto de mudanças superficiais atestadas na sintaxe do português brasileiro (PB), Tarallo sabia que precisaria de uma teoria linguística que lhe permitisse pôr em prática seu modelo de estudo das mudanças paramétricas em curso, situando o PB no contexto das línguas românicas. Os benefícios seriam mútuos. E o que realizamos hoje, acompanhando a evolução de ambos os modelos, deixam claros esses benefícios (cf. Duarte 2015, 2016, 2019b).

O reconhecimento à proposta de Weinreich, Labov e Herzog está hoje presente em trabalhos gerativistas, entre os quais o de Roberts (2007:295pp), que, além de minuciosa leitura do referido texto, chama a atenção para o fato de que a variação e mudança sintática estão associadas à estratificação e a valores sociais e que o caráter gradual da mudança que se deixa ver na linha do tempo está, sem dúvida, relacionado a uma variedade de fatores sociolinguísticos e fatores advindos da natureza do sistema gramatical. É claro que, para os formalistas, essa gradualidade é uma miragem produzida pela observação dos fenômenos durante o curso da mudança, que segue uma curva em S quando uma nova forma *versus* uma forma conservadora é observada através do tempo. Mas é essa miragem que permite acompanhar o curso da mudança, que, no caso do francês, segundo o próprio Roberts (1993), levou 300 anos para se completar.

2.2. O comportamento de uma Língua de Sujeito Nulo Consistente (LSNC)

Em seu artigo seminal, Calabrese (1986) mostra que em línguas de sujeito nulo do grupo românico (hoje LSNC), um sujeito nulo e um expresso estão em distribuição complementar. Quando o antecedente é esperado, o sujeito é necessariamente nulo, como mostra Calabrese (1986) para o italiano; caso contrário, o pronome pode ser expresso e deve ser, no caso de ambiguidade, ênfase e contraste. O que faz um referente ser “fortemente esperado” é o fato de ele ser o sujeito de uma oração precedente, seja ela uma matriz ou uma subordinada (não havendo, pois, necessidade de c-comando). Tanto Calabrese (1986) quanto Fernández Soriano (1989) chamam a atenção para a existência de uma complementaridade entre sujeitos pronominais nulos e expressos em italiano e espanhol, respectivamente. Assim, quando o referente é esperado o sujeito nulo é obrigatório; o uso de um pronome pleno, em tal caso, implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença, como mostra (1):

1. a. *Mario_i* si è spaventato dopo che *pro_i/*lui_i* ha visto quel film.
- b. Quando *Carlo_i* ha pichiato *Antonio_k* *pro_i / lui_k* era ubriaco.
- c. Dopo che *pro_i/*lui_i* ha visto quel film, *Mario_i* si è spaventato.
- d. Quando *pro_i / *lui_i* lavora, *Gianni_i* non beve.

Vemos em (1a) um sujeito numa subordinada posposta deve ser nulo quando seu antecedente na matriz anteposta tem a mesma função; da mesma forma, em (1b), o sujeito de uma matriz posposta a uma oração adjunta anteposta deve ser nulo se seu correferente é um sujeito. Isso significa que tanto a relação de c-comando como anti c-comando levam necessariamente ao sujeito nulo identificado por um antecedente na mesma função. E em (1c,d) vemos que uma subordinada adjunta anteposta com um sujeito correferente expresso na matriz posposta deve ser nulo; com um pronome expresso, a construção é agramatical.

Se, no entanto, a encaixada anteposta não for uma adjunta, o pronome expresso pode preceder seu referente sem causar inaceitabilidade, como em (2):

2. Le persone che *lui_i* ha aiutato sono convinte che *Gianni_i* è una buona persona.

O que torna um referente esperado, e, portanto, disponível para identificar o pronome nulo de uma matriz ou encaixada, é, para o autor, o fato de ele ser o Tema (ou sujeito) de uma predicação, como se constata pelos exemplos acima e em (3a). O sujeito de uma predicação secundária não é um Tema e, por conseguinte, tampouco um referente esperado, o que implicará o uso do pronome expresso, como em (3b):

3. a. Mentre il *dottore*_i visitava *Maria*_k incinta *pro*_i/**lui*_i canticchiava.
- b. Mentre *il* *dottore*_i visitava *Maria*_k incinta **pro*_i/*lei*_k canticchiava.

O mesmo fenômeno observado em sentenças encaixadas pode ser visto operando entre sentenças no discurso. A hipótese de Calabrese para explicar tal semelhança é a de que as seqüências de enunciados que compõem o discurso são sintaticamente irmãs umas das outras, como mostram (4a) e (4b):

4. a. *Carlo*_i è entrato. *Mario*_k si è alzato. **pro*_i/_k ha parlato.
- b. *Mario*_i ha detto che *Maria*_k aveva detto quelle cose. Così **pro*_j / *lei*_k é scappata via.

Fernández Soriano (1989) avança nessa noção de não-alternância ou não-opcionalidade entre pronomes nulos e plenos, invocando o Princípio “Evite Pronome”: numa língua *pro-drop*, Agr deve obrigatoriamente atribuir seus traços de pessoa, número e Caso. Sendo os pronomes expressos intrinsecamente marcados para esses mesmos traços, sua co-ocorrência com *pro* implicaria uma dupla marcação de Caso. Seu aparecimento só se justifica nos casos em que a identificação do conteúdo de *pro* é comprometida, porque Agr não é suficientemente forte, como na segunda pessoa do subjuntivo em italiano ou na primeira e terceira do imperfeito do indicativo em espanhol, como se vê nos exemplos de Fernández Soriano em:

5. a. É necesario che *tu* vada.
- b. Iba *yo/el* tranquilamente andando por la calle cuando cayó un obús.

Se, entretanto, houver outros elementos na sentença ou no contexto discursivo que permitam sua identificação, a ocorrência de *pro* é “mais natural” (Fernández Soriano 1989: 233) e a tendência é atribuir outro estatuto ao pronome (como o de foco, por exemplo) se ele aparecer:

6. É necesario che *pro ti* vesta bene.

De fato, uma observação informal do italiano e espanhol falados pode nos dar bem a medida do que significa essa existência de elementos que permitam a recuperação do conteúdo de *pro*. Vejam-se os exemplos a seguir extraídos do filme de Giuseppe Tornatore, *Una Pura Formalità*:

7. a. Chiedi al *comissario*_i quando *pro*_i arriva.
- b. Non l’ho accompagnata. *pro*_i È tornata da sola.
- c. ...ricevo una *sua*_i lettera. L’apri e notai che per la prima volta *pro*_i aveva scritto qualche cosa illegibile.

Os antecedentes acima, dois complementos e um possessivo desfazem a impressão deixada pelos exemplos de Calabrese de que a identidade de função sintática entre referente e *pro* (com ou sem c-comando) seria o único fator a levar a um sujeito nulo e ajudam a compor uma ideia do que é o “referente esperado” ou o que é a restrição imposta a uma língua do grupo *pro-drop* (LSNC) de só recorrer ao pronome pleno se a identificação de *pro* estiver comprometida⁷.

3. O ACOMPANHAMENTO DA MUDANÇA: OS DADOS DIACRÔNICOS E AS EVIDÊNCIAS DA MUDANÇA

A primeira investigação, referida na seção 1, levou e conta o paradigma flexional, que foi se alterando ao longo de dois séculos, em virtude de mudanças no quadro de pronomes pessoais (com a entrada de *você* e *a gente*, ambos combinados com a forma verbal de terceira pessoa do singular, com desinência zero). Assim, a análise começou levantando a ocorrência de sujeitos pronominais nulos e expressos segundo a pessoa gramatical e a desinência (distintiva ou exclusiva da pessoa do discurso, como <-o>, <-s>, <-mos>, <-m> ou não distintiva <-0>, que podia se associar à 3ª pessoa do singular e, posteriormente, *a você*, *a gente*, e *tu*, já neutralizado com *você*, considerando apenas as peças teatrais. Esse grupo buscava identificar se a mudança obedeceria a princípios funcionais, sujeitos nulos com formas verbais com desinências distintivas e sujeitos expressos com formas sincréticas, que poderiam se combinar com mais de uma pessoa, como é o caso da desinência zero, que poderia se associar à 3ª pessoa e à 2ª pessoa do singular (com *você*) e à 3ª pessoa do plural (com *a gente*). Além de analisar o PB dentro do quadro das línguas românicas de sujeito nulo, tínhamos a proposta de Galves (1993; 2018), segundo a qual, as mudanças referidas aqui teriam levado à perda do traço semântico de pessoa, deixando-nos com o traço sintático, com valor positivo e negativo, com quatro combinações possíveis:

- 8. +pessoa / - plural <-o>
- +pessoa / + plural <mos>
- pessoa / + plural <-m>
- pessoa / - plural <-0>

Considerando a implementação de *a gente*, associado à desinência <-0>, e sua competição com *nós*, associado à desinência <-mos>, tínhamos razões para esperar profundas alterações na representação do sujeito pronominal.

Além da pessoa do discurso, foram considerados o tipo sintático da oração e, especialmente, a existência de correferência entre o sujeito da encaixada e o sujeito da oração matriz, contexto que leva ao sujeito nulo na subordinada em línguas que se enquadram no tipo [+sujeito nulo].

⁷ A única análise quantitativa de uma amostra do italiano falado é a de Marins (2009). A autora mostra que questões discursivas devem ser levadas em conta na frequência do pronome de primeira pessoa nas retomadas de turno. De modo geral, todas as restrições apontadas por Calabrese (1986) e Fernández Soriano (1989) são confirmadas. O mesmo é atestado por Soares da Silva (2011) para o espanhol peninsular e argentino. (Ver ainda a esse respeito Duarte e Soares da Silva 2016.)

Um outro fator, o traço semântico do referente, foi levantado. Segundo as descrições formais das línguas românicas de sujeito nulo, sujeitos com o traço [-animado] não são representados por pronomes pessoais e a ocorrência de pronomes com esse traço seriam um ingrediente a mais na mudança. Como mostraremos, as peças não se mostraram muito propícias à ocorrência de sujeitos com esse traço.

Os resultados gerais (Duarte 1993, 1918) mostraram uma curva descendente no uso do sujeito nulo, que permitiu relacionar três estágios na mudança, correspondendo à crescente simplificação do paradigma flexional: nos três primeiros períodos, correspondendo à primeira e à segunda metades do século XX, em que ainda temos os pronomes *tu* e as formas nominais de tratamento em distribuição complementar, e o uso do pronome de primeira pessoa do plural nós, vemos o comportamento do que viria a constituir o grupo de Línguas de Sujeito Nulo Consistente: LSNC (Roberts e Holmberg 2010); os períodos quatro e cinco, com peças escritas nos anos 1930 e 1950, em que *tu* já não aparece nos autores analisados e *você* toma seu lugar, há uma forte queda no total de sujeitos nulos; com a entrada de a gente, já suplantando nós, nos períodos seis e sete, vemos que o PB já não exibe o comportamento de LSNC. Esse percurso pode ser visto na Figura 1:

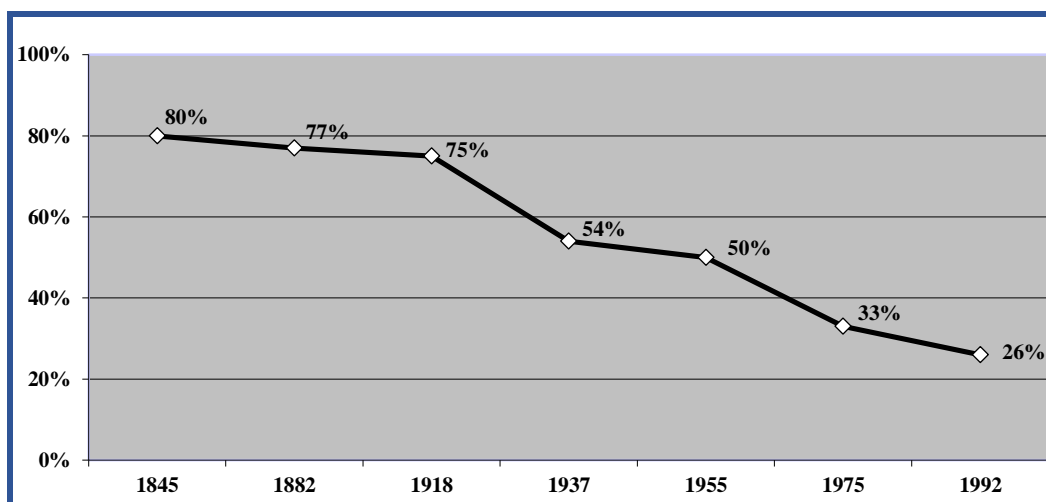


Figura 1. Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) nas três pessoas do discurso.
Fonte: Duarte (2018: 88)

Considerando a pessoa do discurso, vemos que a mudança em direção aos pronomes expressos não revela um tipo de compensação funcional. A mudança afeta mais prontamente os sujeitos de segunda pessoa, a partir do desuso de *tu*:

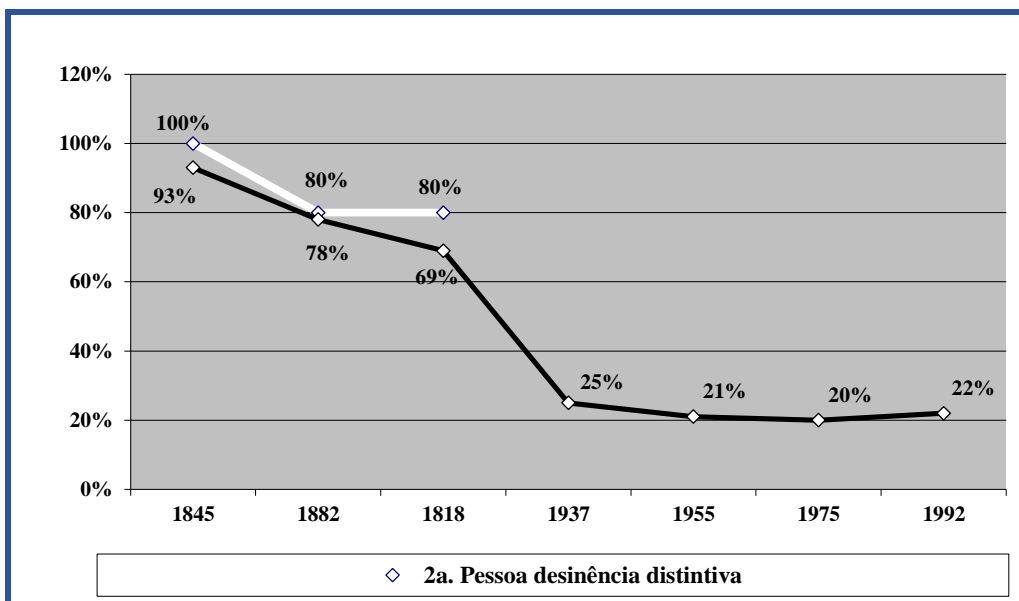


Figura 2. Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de segunda pessoa
 Fonte: Duarte (2018: 89)

Entretanto, os sujeitos de primeira pessoa, com desinência distintiva seguem na mesma direção.

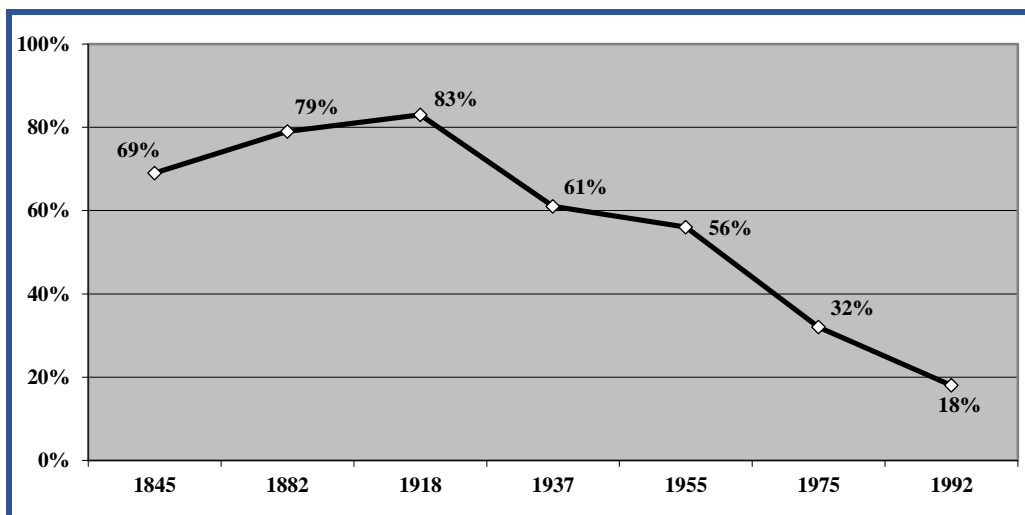


Figura 3. Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de primeira pessoa
 Fonte: Duarte (2018: 91)

A terceira pessoa implementa a mudança mais lentamente:

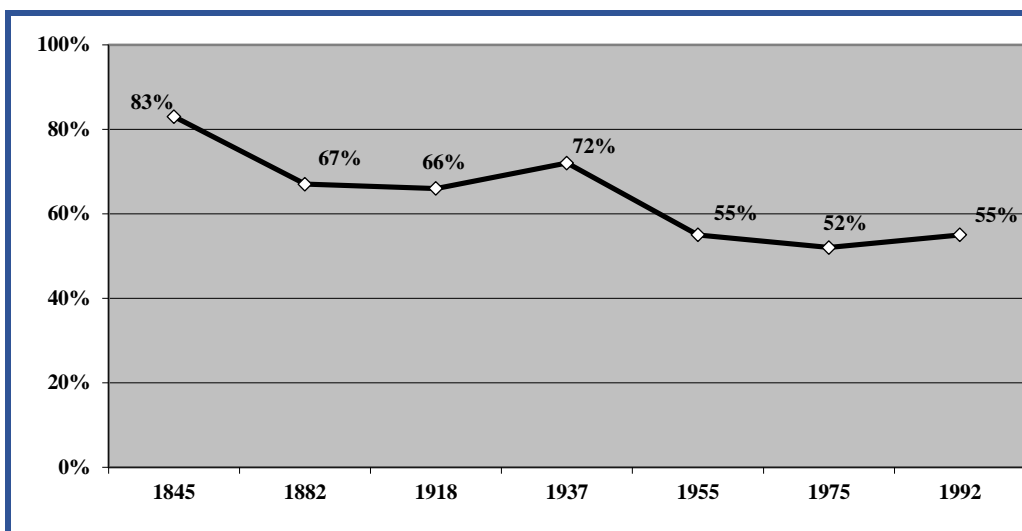


Figura 4. Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de terceira pessoa
 Fonte: Duarte (2018: 92)

Essa trajetória levaria Cyrino, Duarte e Kato (2000) a propor que mudanças em direção a pronomes nulos ou plenos são guiadas por uma hierarquia de referencialidade: se a direção é o preenchimento, a mudança se implementa a partir dos itens mais referenciais, que carregam o traço inerentemente [+humano], como é o caso dos sujeitos de 1ª e 2ª pessoas; se a direção é no sentido de uma categoria vazia, a mudança se inicia pelos itens menos referenciais, como é o caso da implementação do objeto nulo (Cyrino 1994), que começa pelos antecedentes proposicionais (oracionais ou neutros), só alcançando mais tarde os referentes com o traço [-humano] e resistindo com os de traço [+humano].

É possível, então, associar a perda gradativa do sujeito nulo à redução do paradigma flexional com um importante efeito colateral: o surgimento de um paradigma de pronomes pessoais com o traço [-humano], que, embora se implemente gradativamente, é uma diferença crucial na distinção entre línguas [+sujeito nulo] e [-sujeito nulo] do grupo românico. Itens inerentemente [+humanos] se tornam foneticamente expressos mais rapidamente e aqueles em que interagem os traços [+/-humano] e [+/-específico] resistem mais lentamente se o referente é [-humano] e [-específico]. Como já dito, os sujeitos com o traço [-humano] são muito raros nas peças. Uma tentativa de aumentar a amostra com o objetivo de testar o comportamento da terceira pessoa confirma esse fato. Duarte, Mourão e Santos (2012), ainda que com um número baixo de dados, mostram a relevância do feixe traços. Assim, pronomes pessoais com o traço [-humano] estão ausentes no século XIX, começando a aparecer no século XX. No terceiro período: em 1918, há duas ocorrências com referentes associados ao traço [+específico], uma delas com o referente [a jazida] e outra com [esse reumatismo, retomado por um pronome pessoal com a clara intenção de fazer humor personificando um referente [-animado/+específico], como mostram (9a) e (9b), respectivamente:

9. a. Douglas: Quem é o dono [da jazida]_i ?

Artur: É um tal de Maneco, que mora em São Paulo. Bernardo é apenas o administrador da fazenda em que ela_i está situada.

b. Madalena: Como apanhou [esse reumatismo]_i?

Félix: Não o_i apanhei. Ele_i veio por si.

(O simpático Jeremias, Gastão Tojeiro, 1918)

Como mostra a Tabela 2 de Duarte, Mourão e Santos (2012: 36), pronomes com o traço [-humano/+específico], ilustrados acima giram em torno de 7% e 13%, a partir da segunda metade do século XIX, começando a crescer nas duas últimas sincronias, com 38% e 24%, respectivamente:

10. Armando: Por que você não aprontou [o almoço]_i na hora?

Cristina: Ela_i tá pronto. Só que eu não vou botá-lo na mesa.

(A Mulher Integral, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

Uma única ocorrência de pronome expresso com o feixe de traços [-humano/-específico], num total de 47 dados, aparece nos anos 1930 (quarta sincronia):

11. Cláudio: Você tem razão! Fui um louco! [...] Como é a vida... vivemos numa constante espera [de felicidade]_i e quando ela_i chega não a enxergamos!...

(A vida tem três andares, Humberto Couto, 1938)

Os pronomes expressos com o traço [+humano/+específico], por outro lado, avançam de 28% na primeira sincronia até 64% na última; se associados ao traço [-específico], começam a aparecer na segunda sincronia e mantêm índices em torno de 20%, exceto na última sincronia, quando alcançam 75%, apesar de terem sido atestados apenas quatro dados, três dos quais com o pronome expresso.

Além da pessoa do discurso *versus* paradigma flexional e da animacidade do referente, um traço semântico crucial nas línguas de Sujeito Nulo Consistente (LSNC), como já dissemos, um terceiro fator de extrema importância foi investigado: o comportamento do sujeito em relação ao seu referente, com base em Calabrese (1986) e Fernández Soriano (1989). Vimos que, quando temos uma subordinada adjunta anteposta à matriz ou quando temos uma encaixada proposta com sujeitos correferentes, o sujeito nulo não é uma opção; é obrigatório. Ou seja, com c-comando ou sem c-comando. Pois é o que ocorre categoricamente em quase todas as sincronias. Incluímos na análise os sujeitos de primeira e segunda pessoas, que, como vimos, implementam mais rapidamente a mudança em direção ao pronome expresso:

12. a. Nestório: [O Ventura]_i tem um livro onde \emptyset_i escritura todo o dinheiro que \emptyset_i pede.

Porque no fundo \emptyset_i é um orgulhoso. \emptyset_i Toma sempre o dinheiro dizendo que é para pagar depois...

(O hóspede do quarto no. 2, Armando Gonzaga, 1937)

b. Ambrósio: Depois que \emptyset_{3ps} estiver no convento \emptyset_{3ps} abençoará o teu nome.

c. Ambrósio: Quando \emptyset_{1ps} te vi pela primeira vez, \emptyset_{1ps} não sabia que \emptyset_{2ps} eras viúva e rica.

(O Noviço, Martins Pena, 1845)

O padrão ilustrado em (12a) é, sem dúvida o mais resistente no processo de mudança. Os sujeitos nulos são categóricos no século XIX e se mantêm entre 95% e 90% nos quatro períodos

seguintes. Só na última sincronia do século XX (1992) vemos crescer os casos de pronomes expressos nos dois contextos: sete casos em doze (58%) com c-comando e cinco em dez (50%), sem c-comando:

13. a. Eu só estou repetindo o que eu li.
 b. Tu não disse que \emptyset_{2ps} ia tirar a letra da música?
14. a. Neiva: Se eu ficasse aqui eu ia querer ser a madrinha.
 b. Margareth: Você não entende meu coração porque você está sempre olhando pro céu em busca de chuva.
 c. Dolores: Agora ele, não vai mais poder dizer as coisas que ele, queria dizer.
 d. Dona Irene: Está provado que, se [a criança]_i, não recebe uma alimentação eficaz, ela, fica em desvantagem para o resto da vida

(No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)

Além dos padrões apontados por Calabrese (1986), vemos que, além de o referente ser “esperado”, a presença de outros elementos na sentença ou no contexto discursivo que permitam a identificação do sujeito nulo, como lembra Fernández Soriano, de fato o torna a opção “mais natural” até meados do século XX:

15. a. Florência: Se \emptyset_i encontrarem, deem-lhe, uma boa arrojada e levem-no, preso. \emptyset_{3p} Há de me pagar!

(No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)

- b. Yvone: E [a Yara]_i ?

Cláudio: \emptyset_i Ainda não veio. \emptyset_i Ultimamente está saindo tarde do escritório.

(A vida tem três andares, Humberto Cunha, 1938)

No último quartel do século XX (1975 e 1992) temos uma redução no índice de nulos, em torno de 60%. Assim, ainda convivem nos textos das peças populares Sujeitos nulos e expressos com um referente externo à sentença ou em outra função sintática, um referente não esperado:

16. a. Holly: O que é que [o nosso anjo]_i, tem hoje?

Margareth: \emptyset_i Tá com essa cara desde que chegou do ginásio. \emptyset_i Nem foi em casa almoçar.

D. Irene: Com certeza \emptyset_i vai ficar novamente em segunda época. Desde que \emptyset_i chegou que não para de olhar para a caderneta.

(No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)

- b. Armando: Quero parar com [essas aventuras]_i. Elas, não me levam a nada.

(A Mulher Integral, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

- c. Regina: A gente toca [o barco]_i, antes que ele, afunde.

(A Partilha, Miguel Falabella, 1989)

4. OS DADOS DE LÍNGUA ORAL E EVIDÊNCIA DO PERCURSO DA MUDANÇA EM TEMPO “APARENTE”

Nesta seção serão retomados os resultados de Duarte (1995) com uma análise de amostra de fala do Projeto NURC-RJ, gravada em 1992, com 12 falantes com nível superior de ensino, nascidos e criados no Rio de Janeiro. Seguindo os passos da pesquisa de 1993, foram levantados os sujeitos pronominais nulos e expressos de 1^a, 2^a e 3^a pessoas. Sujeitos em estruturas expressando ênfase ou contraste, bem como o segundo (ou terceiro) membro de estruturas coordenadas com o mesmo sujeito foram excluídas tal como na análise diacrônica, uma vez que aqueles devem ser expressos em qualquer língua e esses podem ser nulos nas línguas em geral, uma propriedade da coordenação. Os fatores linguísticos levados em conta na aplicação do modelo de Teoria da Variação e Mudança consideram os achados da análise de 1993, 1918 e o processamento dos dados usou na época o Programa Varbrul (Pintzuk 1988) Foram levantados 1.424 dados, dos quais 415 (29%) com o sujeito nulo e 1.009 (71%) com o sujeito pronominal expresso. A Figura 5 exibe a distribuição dos dados segundo a pessoa do discurso e a faixa etária dos entrevistados:

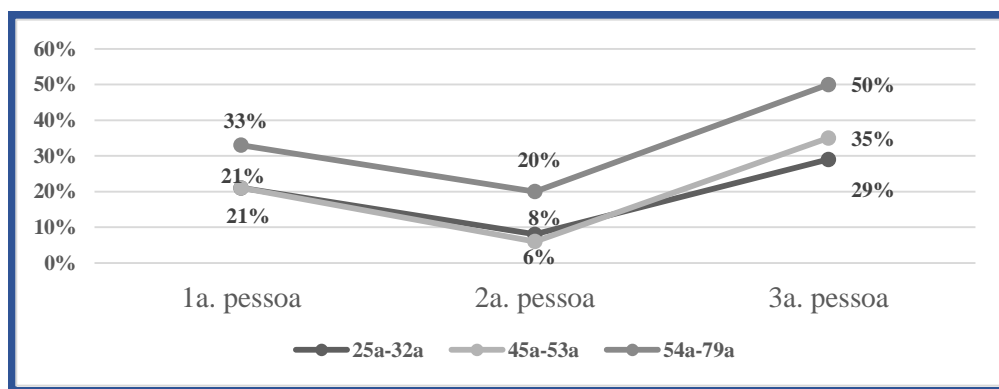


Figura 5. Distribuição dos sujeitos nulos (versos expressos) por faixa etária e pessoa do discurso
Fonte: Duarte (1995:48)

A distribuição dos dados por faixa etária e pessoa mostra a mesma direção apontada na análise diacrônica: a 2^a pessoa exibe os índices mais baixos de sujeitos nulos, seguida pela 1^a pessoa e a 3^a, que se mostra mais resistente. Entretanto, é notável o comportamento de cada faixa etária mais alta exibe 29%, 35% e 50% de sujeitos nulos para a 2^a, 1^a, e 3^a pessoas, enquanto a faixa intermediária e a mais jovem exibem índices mais baixos. Este é um quadro de mudança em “tempo aparente”, que se deixa ver a cada geração. Quando comparados com o que as peças anunciavam, não há dúvida de que há uma mudança em curso, que ela está avançada e que a hierarquia referencial (Cyrino, Duarte e Kato 2000) atua nesse processo. Eis alguns exemplos de sujeitos expressos em contextos que contrariam o comportamento de uma língua de sujeito nulo consistente em contextos neutros:

17. a. Porque *eu* não ‘tava certo se *eu* ia querer fazer escola técnica ou se *eu* queria continuar fazendo o científico. (H3b,175,177)
- b. Mesmo que *eu* não fizesse o pré-vestibular, *eu* acho que *eu* passaria por causa da base que *eu* tinha. (H3b,216,219)

- c. Como é que *o senhor* descreveria o seu modo de vestir quando *o senhor* vai trabalhar, quando *o senhor* vai dormir, quando *o senhor* está em casa? (M3m,1025,1028)
- d. Quando *ele_i* determinou que o Estado podia intervir nos sindicatos, *ele_i* acabou gerando um líder sindical que **nós** chamamos de pelego. (H2f, 713)
- e. *Essa minha tia* que mora aqui, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... *Ela* é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. *Ela* não ficou solteira porque não apareceu pretendente. *Ela* ficou solteira porque ela quis. (M3a,76,87)

Um outro fator apontado em Duarte (1993), relacionado à terceira pessoa, é o traço semântico do referente. Se nas peças de teatro as ocorrências de pronomes com o traço [-animado] foram modestas, na amostra de fala culta carioca e 1992 elas são mais expressivas: os sujeitos nulos com o traço [+humano] alcançam apenas 32% de sujeitos nulos, enquanto os [-humanos] já chegam a 44%. Isso mostra que a flexão que licenciava sujeitos sumos é substituída por um paradigma de pronomes fracos (Kato 1999) que inclui pronomes com um traço que distingue as línguas românicas de sujeito nulos do francês, que não licencia sujeitos nulos como licenciou no passado (Vance, 1989). O sujeito nulo que mais resiste na mudança é aquele que se associa ao traço [-específico], independentemente de [+/-humano], com 56% de ocorrências. Os exemplos a seguir ilustram a implementação de pronomes [-humanos] em contextos em que temos um referente “esperado”. Quebramos então duas regras cruciais num sistema [+sujeito nulo]: um pronome expresso com um referente esperado e com o traço [-animado]:

- 18. a. A casa_i virou um filme quando ela_i teve de ir abaixo. (M2g,876)
- b. Eu atualmente moro na rua X, [no edifício Barão de Lucena]_i, que tem lá sua nobreza porque Ø_i é de 1937. Ele é todo *art déco*. Ele é muito interessante, o Edifício Barão de Lucena. (M2g,881,882)

Finalmente, considerando exatamente os padrões mencionados por Calabrese (1986) e Fernández Soriano (1989), vemos que a relação de c-comando continua a ser um contexto de resistência do sujeito nulo (19a,b) com 32% de ocorrências; quando, entretanto temos um antecedente adjacente numa adjunta anteposta, ou seja, numa relação sem c-comando o sujeito nulo é menos frequente (25%) ainda e só atestado na fala dos mais velhos (19c):

As encaixadas (19a,b) e matrizes pospostas (19c,d), por outro lado, exibem 33% e 25% de ocorrências de sujeito nulo, respectivamente. As estruturas em (19a,b) constituem o padrão que parece ainda sustentar a ocorrência do sujeito nulo, enquanto no padrão (19c,d) o sujeito nulo é menos frequente ainda.

- 19. a. Ele_i tremeu quando Ø_i foi tirar foto lá do cara. (M3c, 410,411)
- b. Mas ele_i sentiu que Ø_i era o único ali novo. E ele tinha que ir à luta. (H2f, 779,781)
- c. Se eu_i via um homem no elevador Ø_i baixava os olhos. (M1i ,1225/1226)
- d. Não, não pode ser assim, porque [o aluno]_i quando t_i vem no vestibular Ø_i não sabe exatamente o que Ø_i quer”. (H3b,275)

De modo geral, os resultados de Duarte (1995) se aproximam dos resultados obtidos para a última sincronia da análise diacrônica de Duarte (1993), com evidências de uma peça escrita no mesmo ano em que a amostra usada em 1995 foi gravada. Além de indicar que esse gênero

textual pode ser bem confiável para buscar uma aproximação com a língua fala da na época em que as peças foram escritas, os resultados confirmam dois aspectos cruciais na mudança evidenciada na análise diacrônica: a perda da propriedade de deixar nulo um sujeito com um referente esperado, particularmente numa relação sem c-comando, e o desenvolvimento de um paradigma de pronomes fracos com o traço [-animado].

Um achado importante na amostra analisada em Duarte (1995), que não foi atestada nas peças porque é rigorosamente típica da língua oral são os casos de sujeitos deslocados à esquerda. Trata-se de 76 estruturas, em que um DP lexical ou pronominal deslocado - é “retomado” por um pronome fraco dentro de TP, estrutura ausente das línguas de sujeito nulo do grupo românico, como atestam Ochs e Duranti (1979) para o italiano, Rivero (1980) para o espanhol e I. Duarte (1987), para o português europeu, exceto em casos de ênfase, mas sem adjacência sintática:

20. a. Eu, como entrei no meio do ano, eu acabei no meio do ano.
- b. Eu acho que [os militares]_i na época eles_i foram muito hábeis em esconder as coisas...
- c. ...porque [o cara]_i, quando vai fazer engenharia, ele_i sabe exatamente o que quer.
- d. [Toda criança]_i; ela_i gosta de coca-cola.
- d. Então, [o Instituto de Física]_i; ele_i manda pra dar aula na E. os piores professores.
- e. Eu acho que [um trabalho sério]_i; ele_i teria que começar por aí.

No Francês, por outro lado, um sistema [-sujeito nulo], casos de deslocamento de sujeito são frequentes, como mostram (Barnes 1986, Avanzi 2009). Entretanto, há restrições relativas ao traço semântico e à definitude do elemento deslocado, com maior frequência do deslocamento do pronome de primeira pessoa, exatamente nas retomadas de turno, e baixa frequência de DPs lexicais, geralmente com o traço [+humano/+definido], segundo Barnes (1986). Em estudo mais recente, Avanzi (2009) aponta que elementos deslocados com o traço [-humano] retomados como sujeito já aparecem, desde que definidos. No PB, porém, como mostram os exemplos em (20), os deslocamentos são atestados em matrizes e em encaixadas, com ou sem elementos intervenientes e podem exibir um pronome forte, DPs definidos, indefinidos e quantificados, além de poderem ter o traço humano e não humano.

O modelo de análise empírica anunciado em Weinreich, Lavov e Herzog (1968, 2006) aponta, entre os problemas ou questões que devem ser respondidos pelo pesquisador, o surgimento de traços que não podem ser atribuídos ao acaso. Como explicar a ocorrência robusta de “duplos sujeitos” sem uma teoria que permita atribuir a eles uma causa não accidental? Ora, o francês falado apresenta tais estruturas e há evidências de que elas teriam aparecido no francês no francês medieval, que já se comportava como um sistema de sujeitos nulos residuais. O exemplo (142) de Vance (1989: 230), reproduzido em (21) a seguir, mostra reunidas uma característica do francês moderno, na retomada do sujeito, e uma do francês medieval, no uso do sujeito nulo em uma coordenada, claramente identificado pelo tópico, e em uma completiva, identificado por Agr:

21. “*Madame*”_i, dist il froidement, “*elle*”_i se recommande tres humblement a vostre bonne grace et *pro*_i dis que *pro*_j l’avrez_i briefement.”

“A minha senhora, diz ele friamente, ela manda recomendações a sua graça e diz que a tereis brevemente.”

Não pretendo sugerir que um dia “falaremos francês”; mas, quando se comparam os fatos aqui brevemente resumidos, suspeita-se de que, entre a frase escrita pelo Rei Louis XIII quando aprendia a escrever: “*Ma mère, elle, a dit que...*” que resultou em reprimendas de seu preceptor Héroard, em princípios do séc. XVII⁸ - e o que se ouve (e se lê) de crianças e jovens estudantes brasileiros, não vai uma grande distância, a não ser a que se refere ao tempo, pelo menos no que diz respeito aos sujeitos referenciais.

A análise da fala “cultura” carioca, cujos resultados gerais foram aqui apresentados, não mostrou resultados muito diferentes dos obtidos para a fala carioca de indivíduos não graduados (Duarte 2003). A análise em tempo real de curta duração (Labov 1994), que compara duas amostras de fala da mesma comunidade com falantes diferentes em dois momentos separados no tempo (estudo de tendência) e a fala do mesmo indivíduo recontado (estudo de painel) mostrou semelhança na comunidade e alguma flutuação no comportamento do indivíduo. Mas, de modo geral, as entrevistas de início dos anos 1980 e as de 2000 revelaram que a mudança em direção aos pronomes expressos já se encontrava em estágio avançado, com uma média de sujeitos nulos de 20%, contra a média geral de 29% em Duarte (1995).

Em Barbosa, Duarte e Kato (2005), foi realizada uma análise do PE e do PB com base em entrevistas transcritas em Revistas distribuídas em edições dominicais de um jornal de Lisboa e um do Rio de Janeiro. Foi então que refinamos o grupo dos padrões sentenciais, mas ainda sem distinguir as estruturas com e sem c-comando. O que constituía então um só padrão (matriz / subordinada – adjunta / matriz) alcançou de sujeitos nulos 97% no PE e 78% no PB. Na seção seguinte, esse grupo de fatores distingue os dois padrões e revela que o padrão sem c-comando lidera a mudança no PB.

5. COMPARANDO O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O resumo dos resultados apresentados nesta seção vem de quatro amostras de fala, gravadas entre 2009 e 2010, em duas localidades do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu) e duas de Lisboa (Oeiras e Cacém), compreendendo um total de 72 falantes (18 por localidade), estratificados segundo a idade (18a-35a; 36a-55a; 56a-75a), a escolaridade (Fundamental – até 9 anos), Médio (até 11 anos) e Superior (até 14 anos). A amostra é parte do Projeto “Estudo comparativo de variedades africanas, brasileiras e europeias do português”, coordenado por Sílvia Vieira e Sílvia Brandão (COMPARAPORT), com entrevistas disponíveis em www.corporaport.ufrj.br. Os procedimentos para a coleta de dados seguem os mesmos grupos de fatores levantados nas pesquisas anteriores e a análise estatística utiliza o modelo logístico para Windows Goldvarb-X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005). Os resultados vêm de Duarte e Rezende dos Reis (2018) e Duarte (2019a, 2020). Foram levantados 2040 dados para o PE e 2216 para o PB. A primeira rodada para cada variedade confirma as expectativas em relação ao *status* do PE como uma LSNC e do PB como um sistema que avança na propagação da mudança, chegando a índices ainda mais baixos de sujeitos nulos por pessoa do discurso em relação à análise de Duarte (1995), como mostra a Figura 6:

⁸ Esta informação consta do diário de Héroard, o preceptor de Louis XIII, publicado na Alemanha. A obra que faz referência ao diário e apresenta o fenômeno a que faço referência é: G. ERNST, *Gesprochenes Französisch zu Beginn des 17. Jahrhunderts. Direkte Rede in Jean Héroard “Histoire particulière de Louis XIII” (1605-1610)*, Tübingen, Niemeyer, 1985. Devo tal referência a Françoise Gadet e a M. da Conceição de Paiva.

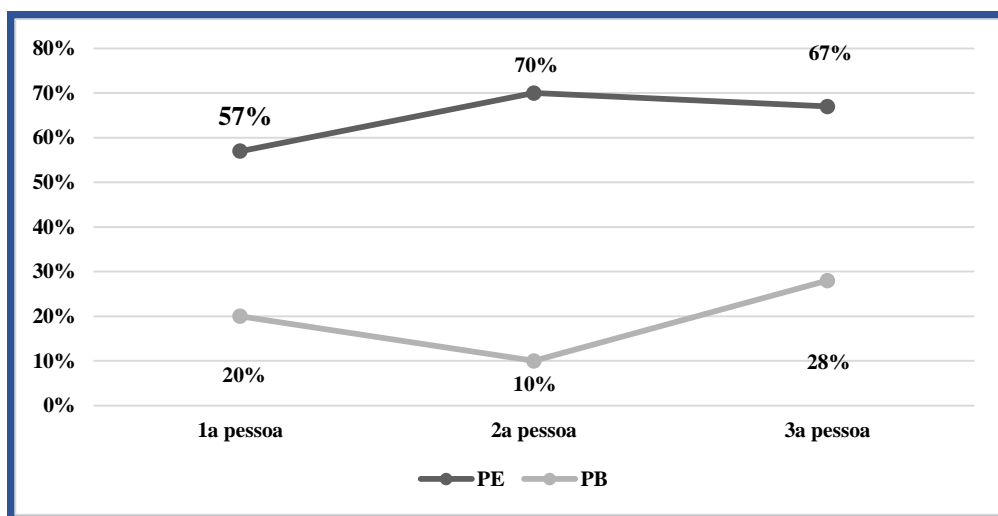


Figura 6. Sujeitos pronominais nulos (vs expressos) segundo a pessoa no PE e PB

Fonte: Duarte (2020: 12)

Enquanto no PE, todos os índices alcançam percentuais altos, especialmente na 2ª e 3ª pessoas (cf. nota X em que mencionamos a tendência à realização do sujeito de 1ª pessoa nas retomadas de turno nas LSNC, uma motivação discursiva), no PB a 2ª pessoa, responsável pela origem da mudança, está estacionada em 10%. Essas ocorrências são, em geral, perguntas, cujo sujeito é identificado pelo contexto, e podem ocorrer em línguas que não admitem o sujeito nulo. Quanto à 1ª e 3ª pessoas, atestamos um decréscimo em relação à amostra que serviu à análise de Duarte (1995), com 25% e 38%, respectivamente, uma diferença um pouco maior para a 3ª pessoa num lapso de dezesseis anos.

Diante de tais resultados, concentramos a análise logística nos dados de 3ª pessoa. O programa Goldvarb-X selecionou para o PE e o PB os mesmos fatores estruturais a mesma ordem: o padrão sentencial (ou a posição e função do antecedente, o feixe de traços semânticos do referente e a estrutura do CP). Embora a faixa etária não tenha sido selecionada, a distribuição dos dados, na Figura 7, mostra estabilidade no PE e revela que, no PB, o grupo mais velho continua o mais conservador, mas já alcança índices mais baixos do que os atestados da amostra gravada em 1992. Há um claro indício de que estamos caminhando para o estágio final da mudança, quando a curva de mudança é, de fato, mais lenta.

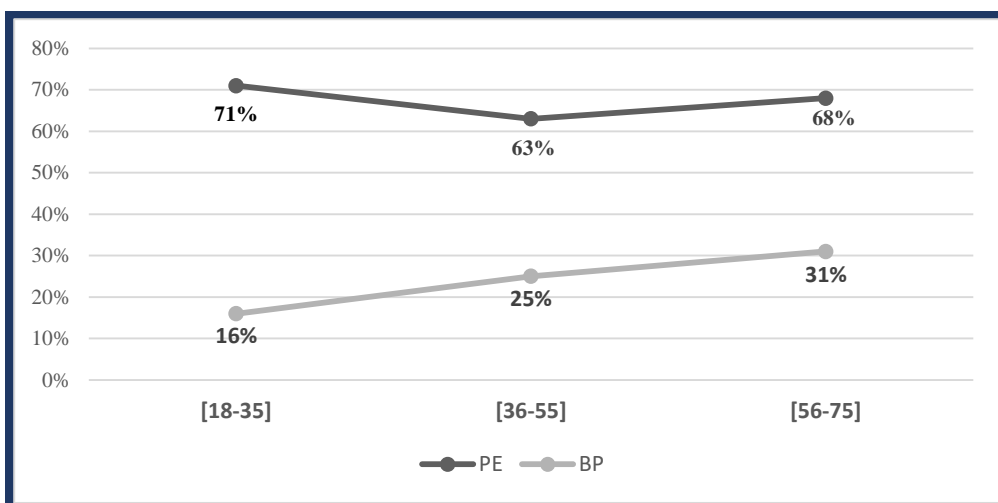


Figura 7. Sujeitos nulos de 3ª Pessoa (versus expressos) Segundo a faixa etária no PE e no PB
Fonte: Duarte (2020: 13)

Passemos a examinar os resultados para o primeiro grupo de fatores selecionados; os padrões estruturais são ilustrados a seguir, com exemplos do PE e PB:

Padrão A: O antecedente na matriz c-comanda o sujeito na subordinada posposta

22. a. [O pobre rapaz]_i continua com essa mentalidade porque \emptyset_i só pensa nele. (PE)
b. [Os pais]_i passam aos filhos o que *eles*_i têm, né? (BP)

Padrão B: O antecedente na adverbial anteposta não c-comanda o sujeito matriz posposta

23. a. Quando ele_i mudar \emptyset_i ainda vai estar mais um ano nesta escola. (PE)
b. Se ele_i tem medo, alguma coisa ele_i fez. (PB)

Padrão C: O antecedente é o sujeito da oração imediatamente adjacentes

24. a. [O dono]_i é um amigo meu. \emptyset_i Tem tido problemas. (PE)
b. [O ex-prefeito]_i era mais preparado. Ele_i investia mais. (PB)

Padrão D: O antecedente tem função diferente

25. a. Tinham medo d[o pai]_i porque \emptyset_i batia-lhes. (EP)
b. Eu não posso ter sentado do lado de [um cara bonitinho]_i e tal, sem perceber que ele era superperigoso. (BP)

Padrão E: Entre o antecedente e o sujeito há uma ou mais orações intervenientes

26. a. Havia [amigos meus]_i, que jogavam à bola na rua. Eu não podia porque o meu pai não deixava. \emptyset_i chamavam, mas eu não podia. (EP)
b. E ele_i tinha ido comprar bolas. Aí, não tinha as bolas que nós queríamos. Ele_i trouxe o dinheiro de volta. (PB)

Os resultados podem ser vistos na Tabela 1:

	PE Input: 0,756			PB Input: 0,248		
PADRÃO	N / T	%	P. R..	N / T	%	P. R..
1 (com c-comando)	78/83	94%	0,930	19/46	41%	0,765
1 (sem c-comando)	13/14	93%	0,854	15/116	11,5%	0,197
2 (adjacente)	402/515	78%	0,588	225/586	38%	0,646
3 (outra função)	77/153	50%	0,274	37/175	21%	0,428
4 (distante)	66/183	36%	0,183	35/241	14,5%	0,330
	<i>range</i>		0,747	<i>range</i>		0,435
	Log likelihood = -44,136 Significance = 0,000			Log likelihood = -624,928 Significance = 0,000		

Tabela 1. Sujeitos nulos de 3ª pessoa vs (expressos) e o padrão sentencial
Fonte: Tabela 2 de Duarte 2019a: (109-110)

Os percentuais obtidos para o PE refletem o comportamento exato de uma língua se Sujeito Nulo Consistente (LSNC): o sujeito nulo em estruturas com e sem c-comando é quase categórico (94% e 93%), e se o antecedente é sujeito de uma sentença adjacente, observamos 78% de sujeitos nulos. Mesmo em condições funcionalmente menos favoráveis – antecedente em outra função – metade dos sujeitos são nulos. Apenas um antecedente distante desfavorece claramente o sujeito nulo. Quando se observam os pesos relativos indicados pelo Programa GoldVarb-X, vemos, num extremo, a força dos dois primeiros padrões, seguidos pelo terceiro; no extremo oposto, temos os padrões menos favoráveis. A distância entre o peso mais alto e o mais baixo (*range*: 0,747) dá a medida da força dos contextos e da relação entre eles. A gradação observada é reveladora da força dos contextos levantados por Calabrese (1986) e Fernández Soriano (1989).

Os resultados para o PB mostram um cenário bastante diferente: vemos um Sistema em mudança e identificamos a primeira perda significativa no processo: o mais baixo percentual de sujeitos nulos é encontrado para o sujeito sem relação de c-comando com o seu antecedente (11,5%), seguido pelo antecedente distante e em outra função. Resistem no processo o sujeito em relação de c-comando com seu antecedente na matriz ou numa sentença adjacente; no entanto, os percentuais de nulos (41% e 38%, respectivamente) já são inferiores aos percentuais de sujeitos expressos. Os pesos relativos acompanham esses percentuais, revelando que, embora em progresso, a mudança é refreada por dois fatores mais resistentes, em oposição a 0,428, 0,330 e 0,197, o peso mais baixo, obtido para a o sujeito nulo numa relação de anti c-comando. Assim, temos elementos para concordar com Saab (2016) que afirma que os sujeitos nulos do PB seriam licenciados pela sintaxe, e não mais pela morfologia. A necessária “proximidade” entre antecedente e sujeito nulo mencionada pelo autor coincide com os resultados: o sujeito nulo do PB sobrevive nos contextos estruturais mais fortes de um sistema [+Sujeito Nulo]. Entretanto, uma ressalva é necessária: por “proximidade entre antecedente e sujeito nulo”, devemos entender que o antecedente c-comanda o sujeito nulo ou se encontra numa sentença adjacente. Portanto, a “proximidade” não inclui um antecedente que, embora próximo, não

c-comanda o sujeito da matriz posposta.

Passemos ao segundo grupo de fatores selecionados: o feixe traços semânticos do referente, ilustrados a seguir.

[-animado / -específico]

27. a. Nós temos de pensar que [*a escola*]_i; não é uma ilha. \emptyset _i Está dentro de um contexto. (PE)
 b. [Escola pública]_i; nunca é boa opção porque elas_i são ruins. (PB)

[-animado / +específico]

28. a. Portanto, [*a globalização*]_i; existe. \emptyset _i Já é uma realidade. (PE)
 b. [O sistema público]_i; é totalmente diferente de empresas privadas. \emptyset _i não funciona da mesma maneira. (PB)

[+animado / -específico]

29. a. Quando [as crianças]_i; são deixadas sem orientação, \emptyset _i acabam por escolher caminhos que não são os mais correctos. (PE)

- b. [O juiz]_i; tem que atender a gente. Se você bater o pé, ele_i tem que te atender. (BP)

[+animado / + específico]

30. a. Estimulo a independência d[o meu filho]_i, \emptyset _i Não é um miúdo, pelo contrário.(EP)
 b. [Minha mãe]_i; sempre foi professora. Ela_i foi diretora de uma escola do Estado há 25 anos. (PB)

A Tabela 2 mostra a distribuição dos resultados percentuais e dos pesos relativos:

	PE Input: 0,756			PB Input: 0,248		
TRAÇO	N / T	%	P. R.	N / T	%	P. R.
-ani/-esp	12/12	100%	---	7/12	58%	0,863
-ani/+esp	137/142	96,5%	0,942	73/173	42%	0,692
+ani/-esp	191/246	78%	0,562	62/191	32,5%	0,555
+ani/+esp	308/559	55%	0,307	189/803	23,5%	0,437
	<i>range</i>		0,635	<i>range</i>		0,426
	Log likelihood = -440,725 Significance = 0,000			Loglikelihood = -624,928 Significance = 0,000		

Tabela 2. Sujeito de 3ª pessoa (vs expressos) e o feixe de traços semânticos sujeito nulo
 Fonte: Tabela 3 de Duarte, (2019a:113)

Mais uma vez, vemos se confirmar o efeito da animacidade na realização do sujeito pronominal. Numa LSNC, como o PE, sujeitos não-animados associados ao traço [-específico] são categoricamente nulos, e alcançam 96,5%, correspondendo a 5 ocorrências, se associados ao traço [+específico]. De fato, o PE difere do italiano e do espanhol a esse respeito; essas variedades, Segundo diferentes pesquisas, esses sistemas não exibem pronomes pessoais com o

traço [-animado]⁹. Ainda assim, é preciso destacar que no PE, pronomes pessoais com esse traço são raríssimos. As cinco ocorrências retomam os referentes “a globalização”, “as novelas brasileiras”, “a guerra colonial”, “liberdade e democracia” e “esses cursos”. Os sujeitos nulos com referentes [+animados] associados ao traço [-específico] preferem sujeitos nulos (78%), como esperado e só combinados com o traço [+específico] chegam a 55%, sempre influenciados pelo padrão sentencial, visto na tabela. Os pesos relativos nos revelam a força do traço não-animado no favorecimento do sujeito nulo em relação ao traço [+animado], com uma distância de 0,635.

Em relação ao PB, o desenvolvimento de um paradigma de pronomes pessoais com o traço [-animado] avança, constituindo, junto com a perda do sujeito nulo em relação de matriz posposta sem c-comando com seu antecedente, duas perdas de propriedades cruciais nas línguas [+sujeito nulo]. Como esperado, sujeitos nulos com o traço [-animado] são mais resistentes à mudança, mas já chegam a 58% se combinados com o traço [-específico] (quando são categoricamente nulos no PE) e 42% se combinados com o traço [+específico], resultados reveladores de que a propagação da mudança já se encontra a meio caminho em direção aos pronomes expressos. Os referentes com o traço [+animado] alcançam 32,5% and 23,5% se associados aos traços [-/+específico], respectivamente. Os pesos relativos continuam a dizer que o traço de animacidade coloca os sujeitos em dois extremos e nos revelam sua força durante a propagação da mudança. Note-se, contudo, que os percentuais significativamente mais baixos para o PB.

O terceiro grupo de fatores selecionado é a estrutura do CP. Mais do que distinguir cláusulas raízes e encaixadas, esse grupo considera a presença de elemento em Spec, CP (pronomes interrogativos e relativos), em C (complementizadores) e a ausência de elementos em CP. A Tabela 3 mostra a relevância desse grupo.

	PE Input: 0.757			PB Input: 0.248		
CP	N / T	%	R.W.	N / T	%	R. W.
Nenhum elemento	438/632	69%	0.578	252/901	28%	0.517
Elemento em C'	161/238	68%	0.422	74/217	34%	0.561
Elemento em Spec, CP	40/81	49%	0.179	05/61	08%	0.130
	<i>range</i>		0.399	<i>range</i>		0.426
	Log likelihood = -440.725 Significance = 0.000			Loglikelihood = -624.928 Significance = 0.000		

Tabela 3. Sujeitos nulos de 3a. pessoa (vs expressos) segundo a estrutura do CP

Fonte: Table 4, Duarte (2020: 16)

Os resultados a ausência de elementos ou a presença de um complementizador são favorecedores do sujeito nulo, enquanto a presença de pronomes, especialmente os relativos, é altamente desfavorecedora do sujeito nulo no PE, um resultado igualmente atestado no italiano e no espanhol. Uma hipótese para o favorecimento da expressão do sujeito pronominal poderia se

⁹ Este resultado é confirmando por Marins (2009) para o italiano falado e por Duarte e Soares da Silva (2016) para variedades do espanhol (peninsular, argentino e portorriquenho).

dever ao fato de que as relativas, em geral, não aparecem em construções com sujeitos no padrão com c-comando. Quando observamos os resultados para o PB, vemos a mesma hierarquia, mas com percentuais muito baixos, sendo o sujeito pronominal em orações iniciadas com pronomes relativos e interrogativos (raros nas entrevistas sociolinguísticas, mas já analisados em peças de teatro em Duarte (1992)) quase categoricamente expressos. Apenas 8% de sujeitos nulos foram atestados na amostra aqui analisada. Mais uma vez, vemos a força dos fatores atuando e ainda explicando quais os contextos mais fortes, apesar de a mudança se encontrar em estágio bastante avançado.

6. ALGUMAS EVIDÊNCIAS DO “ENCAIXAMENTO” DA MUDANÇA NO PB

Vimos nas seções anteriores que importantes propriedades das LSNC foram perdidas pelo PB e que a mudança se encontra em fase de final.¹⁰ Nesse estágio, é natural que a velocidade da mudança diminua, mas ainda assim, entre as amostras da fala carioca gravadas em 1992 e em 2009-2010, já notamos diferenças qualitativas e quantitativas. Como foi dito em 2.1., uma das perguntas que devem ser respondidas dentro do modelo da Teoria da variação e mudança se refere ao encaixamento da mudança. Que outras estruturas aparecem no Sistema como subproduto de uma mudança em curso? Uma delas já foi mencionada: o surgimento de estruturas com o sujeito deslocado à esquerda e retomado por um pronome fraco. Como vimos, essas estruturas não são atestadas nas LSNC, exceto em casos de hesitação ou quando expressam ênfase, sem estarem adjacentes ao elemento deslocado. Não é o que vemos no PB. Além dos exemplos atestados em Duarte (1995), acrescentamos alguns da análise de Duarte (2019a):

31. a. *Aí, [muitas dessas pessoas]_i elas_i estudavam artes cênicas.*
- b. *[Um robô]_i ele_i vai tirar as medidas*
- c. *Eu acho [que essa área de programação visual]_i ela_i é um pouco mais difícil.*

Um outro subproduto da mudança são as alterações nas estratégias de indeterminação. Enquanto as LSNC usam o clítico “se” para expressar a referência arbitrária ou genérica e o verbo na 3ª pessoa do plural com o sujeito nulo para a referência arbitrária, o PB perdeu o clítico “se”, que é no entanto recuperado na escrita, e prefere a 3ª pessoa do plural (com ou sem o pronome expresso) para expressar a referência arbitrária. Na amostra analisada, o pronome “eles” expresso, já alcança 36% e os nulos ainda respondem por 51%. O clítico “se” aparece com 4% e um sujeito nulo arbitrário, com o verbo na 3ª pessoa do singular, ilustrado em (32) exibe 8,5%. Para a referência genérica, são preferidos os pronomes *você* e *tu*, sujeitos a variação diatópica, respondendo por 85,5% quando expressos e 5,5% quando nulos. O clítico genérico alcança apenas 3% e o nulo genérico, ilustrado em (33b), 6%.

32. a. *Na televisão Ø_{arb} fala muito isso.*
- b. *a gente sabe das coisas assim... ah Ø_{arb} matou fulano ... e quando Ø_{arb} mata, alguém faz alguma coisa.*

¹⁰ Podemos, sem receio, estender esses resultados ao português brasileiro urbano. O expressivo número de pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil a partir de Duarte (1995) revela imensa semelhança.

33. a. \emptyset_{gen} Tem de ajudar o ser humano a se desenvolver... como ser humano.
 b. se \emptyset_{gen} quer comprar alguma coisa \emptyset_{gen} vem pra Copacabana.

A única estrutura inesperada num sistema que muda em direção ao preenchimento e prefere indeterminar com pronomes nominativos expressos é exatamente um sujeito nulo com o verbo na 3a pessoa do singular. Para Galves (1987), que primeiro apontou esse nulo expressando referência genérica, é exatamente a impossibilidade de identificação de um sujeito nulo definido de 3a pessoa que permite essa interpretação. Isso, no entanto, não explica tal aparecimento. E é exatamente essa possibilidade de um nulo genérico, além dos sujeitos nulos referenciais em encaixadas com c-comando que levam Holmberg (2010) e Holmberg e Sheehan (2010) a incluir o PB entre as línguas de sujeito nulo parcial. Não sabemos quão frequentes esses nulos são no finlandês, por exemplo. Mas sabemos que no PB os nulos referenciais caminham para a extinção, enquanto os nulos arbitrários e genéricos são pouco frequentes e podem perfeitamente ser substituídos pelas formas mais prototípicas para veicular tais estratégias:

32. a. Na televisão (eles) falam muito isso.
 b. Você tem de ajudar o ser humano a se desenvolver... como ser humano.

Finalmente, essas estratégias não estão aumentando entre as faixas mais jovens, o que não sugere mudança em curso. Assim, a inclusão do PB entre as línguas de sujeito nulo parcial precisa ser vista com cuidado. Segundo Biberauer (2010) esse rótulo “parcial” pode conter sistemas muito diferentes, que exigem uma análise rigorosa dos contextos que licenciam sujeitos nulos, inclusive as sentenças impessoais.

Uma outra consequência da mudança em curso seria exatamente observar o que acontece com as sentenças impessoais. De fato, O PB, ao contrário do que ocorreu com o francês medieval (Vance 1989) no passado e acontece no presente com uma variedade do espanhol dominicano (cf. Toribio 1996 e Martinez-Sanz 2011), o PB não desenvolveu um expletivo lexical. Entretanto, as estruturas com um expletivo nulo começam a aparecer em variação com elementos referenciais alçados para a posição estrutural do sujeito. Os efeitos podem ser vistos na implementação de SV em sentenças apresentativas com verbos inacusativos, os únicos que ainda preservam VS:

34. a. \emptyset_{expl} Aconteceu algo muito desagradável...
 b. [Algo muito desagradável]_i aconteceu [t]_i

Se o argumento do interno do inacusativo tem em sua estrutura um genitivo, a possibilidade de alçamento do genitivo (35c) e não de todo o DP (35b) é mais provável:

35. a. \emptyset_{expl} Acabou a bateria do meu celular.
 b. A bateria do meu celular acabou.
 c. [Meu celular]_i acabou [a bateria t_i]

O verbo “haver” existencial é substituído por “ter” na fala, o que permite o alçamento de locativos:

36. a. \emptyset_{expl} Há uma boa padaria no meu bairro.

b. \emptyset_{expl} *Tem* uma boa padaria no meu bairro.

c. [O meu bairro]_i *tem* uma boa padaria [t]_i

Essas e outras sentenças impessoais ou mesmo a reestruturação de verbos inacusativos em transitivos podem ser vistas em Duarte (2017) e Kato e Duarte (2018). O não desenvolvimento de um expletivo lexical pode ser explicado com base nos exemplos em (34)-(36). Como línguas de proeminência de tópico não exibem itens lexicais sem conteúdo semântico (Li e Thompson 1976), parece que a solução encontrada pelo sistema em mudança foi mover elementos referenciais para Spec, TP. Isso sugere que não apenas a redução do paradigma flexional mas também a proeminência de tópico devem ser levadas em conta no processo de mudança por que passa o PB.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou fazer o percurso de uma investigação sobre a mudança na remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo, mostrando, com base em dados diacrônicos e sincrônicos como se dá a mudança em curso. Defendi o modelo de análise proposto e mostrei que, embora a mudança seja abrupta, sua propagação é lenta e não ocorre ao mesmo tempo em todos os contextos. Assim, do modelo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), que não é uma teoria linguística, não pode prescindir de tal teoria, que no presente caso, não pode deixar de ser a Teoria de Princípios e Parâmetros, que guia o levantamento de fatores estruturais e orienta a interpretação do percurso da mudança e ilumina as respostas aos problemas que o modelo de mudança busca responder. Mostrei como a remarcação do valor de parâmetro do sujeito nulo entrou no sistema, certamente desencadeada por uma reestruturação do sistema pronominal do PB, com a consequente redução do paradigma flexional verbal, como se deu a implementação e a propagação da mudança pelas pessoas do discurso em interação com os padrões sentenciais (a função e a posição do referente do sujeito) bem como o traço semântico do referente. Neste ponto do processo, os sujeitos nulos residuais não estão em distribuição complementar com os pronomes pessoais expressos, como ocorre nas LSNC do grupo românico; pelo contrário, eles estão em variação. Mostrei ainda algumas consequências ou subprodutos da mudança, que afeta sujeitos indeterminados, propicia o surgimento de um paradigma de pronomes fracos e as construções de sujeitos deslocados à esquerda, além da emergência de estruturas que evitam um expletivo nulo nas orações impessoais através de operações de alçamento de constituintes para a posição estrutural do sujeito. Se esse quadro é ilustrativo do comportamento de uma língua de sujeito nulo parcial, esta é uma questão a ser investigada, desde que tenhamos como comparar tais sistemas com base em evidências qualitativas e quantitativas.

A comparação entre os resultados para o PE e o PB mostra ainda que a metodologia variacionista é extremamente relevante para seguir o curso da mudança. Como vimos, embora os percentuais de sujeitos nulos sejam significativamente mais altos no PE, ao contrário do que é atestado para o PB, os pesos relativos revelam o mesmo efeito nas duas gramáticas e ajudam a prever quais os contextos mais resistentes no processo de mudança. O reconhecimento à proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e aos achados de Labov (1994) está hoje presente em trabalhos gerativistas, entre os quais o de Roberts (2007: 295), que, além de minuciosa leitura do referido texto, chama a atenção para o fato de que a variação e mudança sintática estão associadas à estratificação e a valores sociais e que o caráter gradual da mudança

que se deixa ver na linha do tempo está, sem dúvida, relacionado a uma variedade de fatores sociolinguísticos e fatores advindos da natureza do sistema gramatical. É claro que, para os formalistas, essa gradualidade é uma miragem produzida pela observação dos fenômenos durante o curso da mudança, que segue uma curva em S quando uma nova forma versus uma forma conservadora é observada através do tempo. Mas é essa miragem que permite acompanhar o curso da mudança, que, no caso do francês, segundo o próprio Roberts (1993), levou 300 anos para se completar.

Labov, igualmente, reconhece que:

Há duas grandes direções da pesquisa linguística hoje. Uma é descobrir as propriedades universais da faculdade da linguagem, a busca pela Gramática Universal nos termos de Chomsky. Este é um aspecto muito importante do estudo linguístico, e eu tento fazer uso dos resultados desse trabalho tanto quanto possível. A outra direção é examinar os aspectos da linguagem que não são universais: aqueles que podem mudar e mudam.

(Entrevista com William Labov, *Revista Letra Magna*, ano 2, nº 2, 2005)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avanzi, Mathieu. 2009. La dislocation à gauche avec reprise anaphorique en français parlé Etude prosodique. Étude instrumentale. *Le français moderne* no. 2, Neuchatel & de Pris Ouest Nanterre. Actes d'IDP 09: 77-91
- Barbosa, Pilar, M. Eugênia L. e Mary A. Kato. 2005. Null subjects in European and Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4 (2), 11-52.
- Barnes, Betsy K. 1986. An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. Em Oswaldo Jaeggli e Carmen Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris: 207-224.
- Biberauer, Teresa. 2010. Semi pro-drop languages, expletives and expletive pro reconsidered, em T. Biberauer *et al.*(eds) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 153-199.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris.
- Cyrino, Sônia. 1994. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Inédita.
- Cyrino, Sônia, M. Eugênia L. Duarte e Mary A. Kato. 2000. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese, em Mary A. Kato e Esmeralda V. Negrão (eds.) *mrazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid/Frankfurt am Main, Iberoamericana/Vervuert: 55-104.
- Duarte, Inês. 1987. *A construção de topicalização na gramática do português, Regência, çigação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa. Inedita.
- Duarte, M. Eugênia. L. 1992. A perda da ordem V(erbo) S(sujeito) nas interrogativas-Q no português do Brasil, em *Revista DELTA*, 8 (número especial):37-52.
- Duarte, M. Eugênia. L. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil, em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, 107-128.
- Duarte, M. E Eugênia. L. 1995. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP. Inedita-
- Duarte, M. Eugênia. L. 2003. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos, em M. da Conceição Paiva e M. Eugênia L. Duarte. (eds.), *Mudança Linguística em Tempo Real*, Rio de Janeiro, Contra Capa/FAPERJ:115-128.
- Duarte, M. Eugênia. L. (ed.) 2012. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo, Parábola Editorial.
- Duarte, M. Eugênia L. 2015. Avanços no estudo da mudança sintática associando a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetros, em *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Unicamp, 57, 1: 85-111.

- Duarte M. Eugênia L. 2016. Sociolinguística “Paramétrica”, em M. C. Mollica & C. Ferrarezi jr (orgs.) *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo, Contexto: 33-44.
- Duarte, M. Eugênia L. 2017. Analyzing a parametric change in Brazilian Portuguese: a sociolinguistic investigation. Em Pilar Barbosa, M. da Conceição de Paiva e Celeste Rodrigues (eds.) *Studies on variation in Portuguese: issues on Hispanic and Lusophone linguistics, 14*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 233-256.
- Duarte, M. Eugênia. L. 2018. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil, em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo, Contexto, 83-103.
- Duarte, M. Eugênia L. 2019A. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu, em Charlotte Galves, Mary A. Kato e Ian Roberts (eds.) *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da Unicamp: 93-126.
- Duarte, M. Eugênia L 2019b. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívoco, em. *Revista Guavira*, 15, 31: 124-140.
- Duarte, M. Eugênia L. 2020. Sociolinguistics as a powerful tool to follow the course of a parametric chang, em. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 25 (2): 9-19.
- Duarte, M. Eugênia L., Gabriela Mourão e Heitor Santos. Os sujeitos de 3ª. pessoa: revisitando Duarte 1993, em M. Eugênia L. Duarte 2012 (ed.) *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo, Parábola Editorial, 21-44.
- Duarte, M. Eugênia L. e Humberto Soares da Silva. 2016. Microparametric variation in Spanish and Portuguese: the null subject parameter and the role of the inflectional paradigm, em Mary A. Kato e Francisco Ordoñez (eds.) *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America - Oxford studies in comparative syntax*. Oxford, Oxford University Press, 1-26.
- Duarte, M. Eugênia L. e Eduardo P. Rezende dos Reis. 2018. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois, em *ReVEL*, 16 (30): 173-197.
- Fernández Soriano, Olga F. 1989. Strong Pronouns in Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle, em P. Branigan et alii (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 11. 228-239.
- Galves, Charlotte. 1987. A sintaxe do Português brasileiro, em *Ensaio de Lingüística*, 13: 31-49.
- Galves, Charlotte. 1993. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro, em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp: 387-408.
- Galves, Charlotte. 2018. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro, em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo, Contexto: 301-316.
- Henry, Alison. 2006. Variation and Syntactic Theory, em Chambers, Jack K, Peter Trudgill, e Natalie Schilling-Estes, N. (eds.) *The handbook of language variation and change*, 3ª. ed., MA, Oxford, Australia, Blackwell: 267-282..
- Holmberg, Anders. 2010. Null subject parameters, em Teresa Biberauer, Ian Roberts, Anders Holmberg e Michelle Sheehan. (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press: 88-124.
- Holmberg, Anders e Michelle Sheehan. 2010. Control into finite clauses in partial null subject languages, em Teresa Biberauer, Ian Roberts, Anders Holmberg e Michelle Sheehan. (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press: 125-152.
- Kato, M. A. 1999. Strong and weak pronouns in the null subject parameter, em *Probus*, 11 (1): 1-38.
- Kato, Mary A. e Duarte. M. Eugênia L. 2017. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia, em Eloisa Pilati, Heloisa Salles e Rozana Naves (eds.) *Novos olhares para a gramática do Português brasileiro*. Campinas, Ed. Pontes: 9-44.
- Kroch, Anthony. 1989. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change, em *Language Variation and Change*, 1: 199-244.
- Kroch, Anthony. 1994. Morphosyntactic Variation, em Beals, K. et al. (eds.) *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, v. 2: The Parasession on Variation in Linguistic Theory: 1-23.
- Krock, Anthony. 2011. Syntactic Change, em Mark Baltin e Chris Collins (eds.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell: 699-730.
- Labov, William. 1994. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, MA, Blackwell.
- Lightfoot, David. 1991. *How to set parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- Li, Charles-N. e Sandra Thompson., 1976. Subject and topic: a new typology of language, em Charles-N Li (ed.) *Subject and Topic*. New York, Academic Press: 457-489.
- Lopes, Célia. 2002. *Vossa Mercê > você e Vuestra Merced>usted: o percurso evolutivo ibérico*. em *Linguística*, 14: 173-190.
- Lopes, Célia. 2003. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do Português*. Madrid: Iberoamericana.

- Lopes, Célia e M. Teresa Brocardo. 2016. Main morphosyntactic changes and grammaticalization processes, em Leo Wetzels, Sérgio Menuzzi e João Costa (eds.). *The handbook of Portuguese linguistics*, Maldon: John Wiley & Sons: 471-486.
- Marins, Juliana. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado, UFRJ. Inédita
- Martínez-Sanz, Cristina. 2011. *Null and overt subjects in a variable system: the case of Dominican Spanish*. Tese de Doutorado, Universidade de Ottawa, Canadá. Inédita
- Moreira da Silva, Samuel. 1983. *Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil*. Tese de doutorado, Université de Paris VIII. Inédita.
- Naro, Anthony. 2003. Modelos quantitativos e tratamento estatístico, em C. Mollica, e M. L. Braga (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto: 15-25.
- Naro, Anthony e M. Marta P. Scherre. 2003. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número, em M. da Conceição Paiva e M. Eugênia L. Duarte (eds.) *Mudança Linguística em Tempo Real*, Rio de Janeiro, Contra Capa/FAPERJ: 47-62.
- Ochs, Elinor e Alessandro Duranti. 1979. Left-dislocation in Italian conversation, em T. Givón (ed.), *Syntax and Semantics: vol. 12. Discourse and Syntax*. New York: Academic Press. 377-415.
- Pintzuk, Susan. 1988. Varbrul Programs. Não publicado.
- Pontes, E. 1987. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- Roberts, Ian. 1993. Posfácio. O português brasileiro no contexto das línguas românicas, em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp: 409-425.
- Roberts, Ian. 2007. *Diachronic Syntax*. Oxfors, OUP.
- Roberts, Ian e Anders Holmberg. 2010. Introduction: parameters in Minimalist Theory, em Teresa Biberauer, Ian Roberts, Anders Holmberg e Michelle Sheehan. (eds) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press: 1-57.
- Rivero, Maria-Luisa. 1980. On Left-Dislocation and Topicalization in Spanish, em *Linguistic Inquiry*, 2. 363-393.
- Saab, A. 2016. On the notion of partial (non) *pro*-drop in Romance, em M. A. Kato e F. Ordoñez (Eds.) *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America - Oxford studies in comparative syntax*. Oxford: Oxford University Press: 49-77.
- Rousseau, PASCALLE e David Sankoff. 1978. Advances in variable rule methodology, em PASCALLE Rousseau e David Sankoff (eds.) *Linguistic Variation: models and methods*. New York, Academic Press, 57-69.
- Sankoff, David, Sali Tagliamonte e Eric Smith. 2005. Goldvarb X: A variable rule application for Machintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto.
- Scherre, M. Marta; Edilene P. Dias, Carolina Andrade e Germano F. Martins. 2015. Variação dos pronomes 'tu' e 'você', em Marco A Martins e Jussara Abraçado. (eds.) *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro*. São Paulo, Contexto: 133-172.
- Soares da Silva, Humberto. 2011. *Evidências da mudança paramétrica na Língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese de Doutorado, Universidade federal do Rio de Janeiro. Inédita
- Tarallo, Fernando. 1987. Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. em *Ensaio de Linguística*, 13: 51-84.
- Tarallo, Fernando e Mary A. Kato. 1989. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística, em *Preedição* 5. Campinas, Unicamp: 315-353.
- Tarallo, Fernando e Mary A. Kato. 2006. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística, em *Diadorim, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ*, 2: 13-42.
- Vance, Barbara. S. 1989. *Null Subjects and Syntactic change in Medieval French*. Tese de doutorado, Cornell University. Inédita
- Weinreich, Uriel; William Labov and Marvin Herzog. 1968. Empirical foundations for a Theory of Language Change, em W. P. Lehmann, e Yakov Malkiel (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin, Texas University Press: 95-188.